

Traços homogêneos e heterogêneos entre as formas verbais *podia* e *poderia*

*Orlando da Silva Azevedo

RESUMO: O artigo aborda o uso das alternantes *podia* e *poderia* em dois tópicos seguintes: para o semântico, adotou-se a concepção de tempo físico para entender a de tempo verbal segundo a definição de Coroa (2005), que se baseou no modelo teórico de Reichenbach (1947) e; para o sociolinguístico, baseou-se na teoria variacionista laboviana. Concluiu-se que as várias ocorrências das formas *podia* e *poderia* tornam difícil restringir ou unificar o significado delas, e que *podia* vem sendo, provavelmente, empregada em contextos, onde caberia *poderia*.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; Variação linguística; *Podia* e *poderia*.

ABSTRACT: This paper approaches the use of the alternant modals *podia* and *poderia* in the two following topics: for the semantic focus was adopted the conception of physical time for understanding the verbal tense according to Coroa's (2005) definition, which was based on Reichenbach's (1947) theoretical model and, for the sociolinguistic focus, it was based on the Labovian variacionist theory. It was concluded that the various occurrences of the forms *podia* and *poderia* make difficult restricting or unifying their meaning, and that the alternant *podia* has been used probably in contexts where the form *poderia* would also fit.

KEY-WORDS: Semantic; linguistic variation, *podia* and *poderia*.

Introdução

Os verbos possuem carga semântica em cada processo enunciativo, por isso existe a dificuldade em saber o significado deles no nível da abstração e no processo contínuo de renovação e expansão vocabular de uma língua.

No contexto de uso pode-se mudar a conotação de um verbo por um falante ou por uma comunidade de fala. Assim, o significado de um vocábulo pode não ser o mesmo durante o processo enunciativo. Conseqüentemente, ocorrem inúmeras possibilidades de significação no uso de uma forma verbal, caracterizando o traço modal como o que acontece, por exemplo, com o verbo *poder*, que apresenta no contexto enunciativo traços deônticos (habilidade, capacidade, obrigação, necessidade, *etc.*) e epistêmicos (possibilidade, verdade, crença, incerteza, *etc.*).

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandoazevedo@ymail.com

O que se pretende neste trabalho é abordar em parte a complexidade semântica das formas variantes *podia* e *poderia* do verbo poder. Para isso, tomou-se como ponto de partida a análise de Côroa (2005) sobre o tempo (sentido físico) para se chegar ao tempo verbal (sentido gramatical) e; além disso, adotou-se a definição dos elementos: Momento do Evento, Momento da Fala e Momento de Referência, que identificam determinado tempo verbal na concepção de Reichenbach (1947), a fim de que se possa, a partir desses pontos, determinar se as variantes *podia* e *poderia* são empregadas com o mesmo conteúdo semântico.

O outro propósito, tendo como base a teoria Variacionista, de Labov (1972), é verificar se as formas *podia* e *poderia* estão em concorrência. Para isso, baseou-se no *corpus* retirado de exemplos gramaticais e de artigos já publicados, os quais abordam, diferentemente, exemplos do emprego de formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo em concorrência com as do futuro do pretérito do mesmo modo.

1. Fundamentação teórica

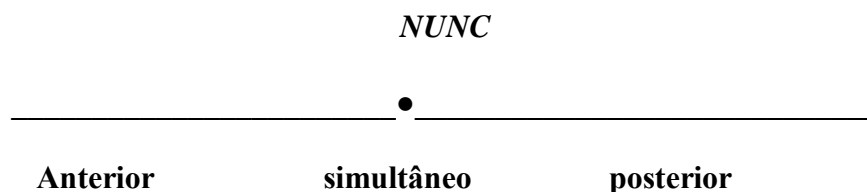
1.1 O tempo

As teorias que tratam sobre a definição de tempo, segundo Corôa (2005), são três: a do tempo absoluto, a do tempo relacional e a do tempo relativo. Na primeira, baseada em definições de Newton e Galileu, o tempo existe independente dos eventos, que acontecem em momentos temporais sem qualquer ligação com os eventos, logo o tempo é soberano e flui em direção ao infinito futuro. A segunda teoria, baseada na definição clássica de Aristóteles, postula que o tempo só existe em função dos eventos e suas relações. Nessa teoria o tempo só existe se existir o evento. Por último, a teoria do tempo relativo em que se pode atribuir um valor de verdade a partir de um sistema de referência ou de uma convenção adotada. Entre essas teorias, a relativa é a que explica melhor os *tempos verbais*, uma vez que relações e designações temporais são relativas, mas que a relatividade não é absoluta, pois se dá com respeito a sistemas de referência e não com respeito a observadores individuais arbitrários. (CORÔA, 2005, p. 87)

Reichenbach (1947) define os momentos para a distinção dos tempos verbais de uma língua natural: o Momento do Evento (ME), que é o momento da ocorrência do processo ou da

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandoazevedo@ymail.com

ação; o Momento da Fala (MF), que é o momento da enunciação e; o Momento de Referência (MR), que é o sistema temporal fixo sobre o qual se definem a simultaneidade e anterioridade. Para se demarcar o tempo em critérios de anterioridade e posterioridade, Costa (2002, p.17) apresenta uma reta cronológica, na qual é marcado o momento da enunciação *NUNC* (que significa agora) conforme esquema mnemônico abaixo:



Nessa linha existem inúmeros pontos em que podem ser anteriores ao *nunc*, coincidentes ou posteriores a ele. Os eventos são distribuídos por toda a extensão da linha e caracterizam, assim, os tempos verbais (do passado, do presente e do futuro). Com base nessas referências, as formas verbais *podia* e *poderia* são enquadradas em um dos pontos da linha cronológica acima.

1.2 A variação linguística

A variação linguística é comum a todas as línguas do mundo, por isso é natural haver formas alternantes intra e extralinguisticamente (MOLLICA, 2007). Cada comunidade possui peculiaridades na maneira de usar a língua devido à existência de um repertório verbal composto por variedades linguísticas. Segundo a teoria laboviana (1972), a variação e a mudança linguística ocorrem em meio à sociedade envolvendo língua, sujeito e a própria sociedade.

Para que haja a variação linguística dever haver dois ou mais vocábulos no mesmo contexto de uso e com a mesma significação. As variantes podem ser favorecidas ou inibidas em função da sua relevância social no discurso ou podem ser preferidas por causa de sua identificação com formas padrão e não-padrão, que refletem tendências conservadoras ou inovadoras (ROCARATI, 1992).

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandozevedo@ymail.com

Cada língua é, pois, um produto de sua evolução histórica no tempo e no espaço, de modo que o acúmulo e a integral realização dela dependem de condições sociológicas, pois a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças linguísticas (SILVA NETO, 1988). Assim, a teoria da variação e mudança linguística concebe a língua como objeto possuidor de heterogeneidade sistemática, ou seja, existe regularidade na variação e na mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

2. O tratamento de *podia* e *poderia* na perspectiva semântica e na perspectiva sociolinguística

2.1 Na perspectiva semântica

Podia é uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, que por sua vez é caracterizado como não-dêitico. Essa forma se refere a um evento mencionado no passado. Por isso, Corôa (2005) afirma que diferentes definições são dadas para caracterizar o imperfectivo como as que o consideram ser um tempo verbal que expressa evento habitual de duração igual ao presente e; as que se referem ao pretérito imperfeito como sendo um tempo de ação inacabada caracterizando, assim, um evento ocorrido no passado, mas que se prolonga até ao presente. A verdade é que cada verbo possui uma característica particular, que pode se enquadrar nas possibilidades descritas anteriormente dentro do próprio tempo verbal do pretérito imperfeito. Assim *podia*, como forma verbal, possui o Momento do Evento (ME) e o Momento de Referência (MR) como anteriores ao Momento da Fala (MF), ou seja, ME, MR – MF (REICHENBASH, 1947).

Poderia se refere ao tempo futuro do pretérito do indicativo. Essa forma se encontra no tempo da incerteza, de que algo pode vir a ser ou acontecer. Nesse tempo verbal, não se sabe se o evento terá existência, mas à medida que ele se aproxima da sua concretização, perde o seu caráter modalizante. O próprio futuro possui traços modais e é considerado o tempo verbal em que o Momento de Referência (MR) é anterior ao Momento da Fala (MF), que por sua vez é anterior ao Momento do Evento (ME), ou seja, MR – MF – ME (REICHENBASH, 1947).

O verbo *poder* possui traços semânticos mais facilmente verificáveis no momento da fala do interlocutor. Esses traços podem estar em nível deôntico, de caráter objetivo, que se situa no eixo da conduta, ou podem estar em nível epistêmico, de caráter subjetivo, concernente mais ao

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandozevedo@ymail.com

juízo que o interlocutor faz sobre alguma pessoa, coisa, fato, abstração, *etc.* (LYONS, 1995; PONTES, 1973). Certamente esses traços semânticos do verbo *poder* são expandidos para as variantes *podia* e *poderia*; dessa forma, não se pode restringi-las a uma significação de tempo gramatical. Koch (1981) considera o verbo *poder* polissêmico. Costa (2009), por sua vez, afirma que o auxiliar modal *poder* não tem como característica a ambigüidade, uma vez que ela pode ser resolvida pelo contexto em que é utilizado. Já Neves (2000) considera que pode haver ambigüidade no emprego do verbo *poder*, pois ele encerra ideias epistêmico-deônticas ou deôntico-epistêmicas com prevalência de um traço semântico sobre outro, mas que coexistem na mesma forma verbal. Certamente toda tentativa de unificar o sentido de *podia* e *poderia* no âmbito semântico dos tempos verbais como os do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito fica comprometida, e ainda mais no contexto enunciativo ou coloquial.

Em primeira análise, o traço semântico do verbo *poder* denota o *irrealis* ou denota certa potencialidade, imanência, ou seja, é um verbo que contém um significado em potencial sobre o verbo principal, modalizando o primeiro significado deste. Tal verbo adquire outros traços semânticos identificados no contexto semântico-pragmático para saber se se trata de um desejo, capacidade, permissão, necessidade, ordem, dúvida *etc.*

Dentro da aceção temporal-verbal do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, a forma *podia* como em *O homem podia ser casado* encerra ideias de incerteza, possibilidade, capacidade. É um juízo que o interlocutor faz acerca do *homem*. Nessa frase, o Momento do Evento e o Momento de Referência são coincidentes e anteriores ao Momento de Fala. Em frases fora do contexto de uso, são admissíveis as interpretações de:

1. Incerteza. *O homem podia ser casado*. Não se sabe se o homem é casado ou não.
2. Possibilidade. *O homem podia ser casado*. É possível que o homem seja casado.
3. Capacidade. *O homem podia ser casado*. O Homem era capaz civilmente de ser casado.
4. Permissão. *O homem podia ser casado*. O homem tinha permissão para ser casado.

Da mesma forma, também acontece com *poderia* na frase *o homem poderia ser casado*, pois exprime ideias de incerteza, capacidade, possibilidade, permissão. Nessa aceção, a única certeza é a de que *o homem não é casado* em relação ao Momento da Fala. Após feita

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandoazevedo@ymail.com

a adaptação da frase *o homem podia ser casado* para *o homem poderia ser casado*, tem-se que em relação ao Momento da Fala, que a Referência é para o passado, e o Evento é para o futuro. Logo, são possíveis as seguintes interpretações de:

1. Incerteza. O homem poderia ser casado. Não se sabe se homem será casado.
2. Possibilidade. *O homem poderia ser casado*. Será possível que *homem* se torne casado.
3. Capacidade. *O homem poderia ser casado*. O *homem* em algum momento no futuro será capaz civilmente de ser casado.
4. Permissão. *O homem poderia ser casado*. O homem em algum momento no futuro terá permissão para ser casado.

Sendo assim, as formas *podia* e *poderia* encerram traços modais epistêmicos, epistêmico-deônticos ou deônticos dentro dos tempos verbais do imperfeito e do futuro do pretérito do modo indicativo. O significado dessas formas, como dito anteriormente, é mais preciso no contexto semântico-pragmático, e elas possuem características homogêneas quando expressam a modalização (incerteza, possibilidade, capacidade, permissão, desejo *etc.*) e heterogêneas quando estão expressando a significação do próprio tempo verbal (pretérito imperfeito ou futuro do pretérito), ao qual pertencem.

2.2 Na perspectiva sociolinguística

Usou-se nessa abordagem exemplos retirados dos *corpora* de gramáticas da Língua Portuguesa e de artigos já publicados sobre a alternância no uso entre formas verbais do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito do modo indicativo.

A Teoria Variacionista de Labov (1972) considera que para haver variação, duas ou mais alternantes devem ter o mesmo sentido referencial entre os falantes de uma comunidade de fala. Partindo dessa condição, fora dos cânones da gramática normativa da Língua Portuguesa, quando a alternante *podia* assume o lugar em que deveria ser empregado *poderia*, há concorrência entre elas. Admitindo-se a alternância de formas verbais entre si na linguagem coloquial, alguns gramáticos como Martins e Zilberkop (2004), afirmam que o pretérito

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandozevedo@ymail.com

imperfeito pode substituir o futuro do pretérito no exemplo seguinte: ‘se eu soubesse, não dizia aquilo. (=diria)’. Da mesma forma, Cunha e Citra (2001) mostram que o futuro do pretérito pode também ser substituído pelo pretérito imperfeito quando denota um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer: ‘-O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto *virava* um fazendão. (Monteiro Lobato, U, 236)’; ‘-Se eu não fosse mulher, *ia* também. (M. Torga, V, 279)’.

Costa (2009) afirma que as formas do imperfeito substituem as do futuro do pretérito como na cantiga popular: “se essa rua fosse minha, eu *mandava* ladrilhar...”. Segundo ela, a análise em tempo real sobre uma amostra de 33 peças de teatro do início do século XVIII até o final do século XX, mostrou que existiu preferência pelo Imperfeito quando os verbos expressavam dinamismo como em: “*Disse-nos que o senhor não VINHA; Se me contassem, eu não ACREDITAVA*”. Enquanto nos demais contextos a preferência era pelas formas do futuro do pretérito.

Pontes (1990) cita alguns exemplos em que formas verbais do pretérito imperfeito substituem as do futuro do pretérito no português coloquial como: “Se eu pudesse, eu *ia/iria* lá”; “tudo ele tinha que fazer ontem, porque se deixasse pra hoje, juntava o serviço de ontem, complicava mais”.

Com isso, considera-se fato que o fenômeno da coexistência entre formas verbais de tempos diferentes e empregadas com a mesma significação no mesmo contexto enunciativo, vem ocorrendo com certa regularidade desde séculos passados. Isso pode estar sucedendo também na linguagem coloquial com as variantes *podia* e *poderia* ao serem empregadas como formas auxiliares de diferentes verbos. É um fenômeno que se enquadra dentro das hipóteses resultantes, sobretudo, da influência de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos como:

1. Atitude negativa na utilização de *poderia*: o falante a rejeita por acusá-lo usuário de uma forma que não é comum no meio social.
2. Confusão na utilização entre uma e outra forma, pois o pretérito do imperfeito e o futuro do pretérito podem expressar fatos não conclusos. Por isso, o usuário da língua não percebe mais as diferenças semânticas entre as alternantes *podia* e *poderia*.

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandoazevedo@ymail.com

3. O falante por não perceber mais as diferenças semânticas, prefere a forma *podia*, já que existe uma menor saliência entre *podia* e *poderia*;
4. O falante desconhece a forma *poderia* por ter baixa ou nenhuma escolaridade.

Baseado em *corpora* de outros verbos, nos quais formas verbais imperfectivas substituem as do futuro do pretérito, conclui-se que, provavelmente, a forma *podia* também vem sendo usada em situações em que deveria ser empregada a alternante *poderia*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As variantes *podia* e *poderia* mantêm traços modais homogêneos compreendidos mais precisamente no contexto semântico-pragmático durante as manifestações delas, e possuem aspectos heterogêneos quando tais alternantes são empregadas em seus respectivos tempos verbais do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito. Como ocorre o fenômeno da extensão semântica entre as formas *podia* e *poderia*, torna-se difícil restringir ou unificar o significado delas, ainda mais quando colocadas diante de diferentes verbos.

Em uma perspectiva sociolinguística e ao se basear paralelamente em ocorrências de verbos empregados no imperfeito ao invés de tais formas serem empregadas no futuro do pretérito, o falante, usuário da língua, tende, também, a usar a variante *podia* em contextos que deveria ser empregado a alternante *poderia*. Certamente o uso constante de *podia* na escala temporal determinará sua consagração em substituição à variante *poderia*.

Devido às limitações da pesquisa e pela natureza dela, há espaço para se verificar, ainda, a partir de dados atuais, se a forma *podia* vem substituindo a alternante *poderia* no discurso oral dos falantes. Logo, surgem questões como: O informante se comporta com atitude negativa ou positiva na utilização de *podia* e de *poderia*? O falante rejeita *poderia* por acusá-lo usuário de uma forma que não é comum no meio social? Ele se confunde na utilização entre *podia* e *podia*? Ele não percebe mais as diferenças semânticas entre *podia* e *poderia*? São indagações possíveis de serem respondidas a curto ou a longo prazo ao serem traçados parâmetros de pesquisa de cunho sociolinguístico.

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandozevedo@ymail.com

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 45ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- CITRA, Linddley, CUNHA, Celso. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: parábola, 2005.
- COSTA, Ana Lúcia. **O futuro do pretérito e suas variantes, um estudo de mudança em tempo real de longa duração** in: www.filologia.org.br/ixcnlf/3/07.htm acessado em 25/10/2009.
- COSTA, Sueli. **Entre o deôntico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal poder**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009- ISSN 1807-5193. Disponível em <http://www.letramagna.com/deonticoepistemico.pdf>. Acessado em 20.10.2009.
- LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia. University of Pensilvania Press, Inc., 1972.
- LYONS, John. **Linguistic Semantic**. AN introduction. N.Y. Cambridge University Press, 1986.
- NEVES, M. H.M. A modalidade in: KOCH, Ingedore Villaça (org.) **Gramática do português falado**. V. 6. São Paulo: Unicamp/FAPESP, 1996.
- PONTES, Eunice. **Metáforas temporais em português coloquial** in: PONTES, Eunice (org.). **A metáfora**. São Paulo. Editora da Unicamp, 1990.
- PONTES, Eunice. **Verbos auxiliares no português**. Petrópolis, 1973.
- REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: _____. (ed.). **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.
- RONCARATI. C. Fatores fonológicos in: MOLLICA, Maria Cecília (org). **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português, semântica do verbo, aspecto e tempo, perífrases verbais**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.
- ZILBERKNOP, Lúbia Scliar, MARTINS, Dileta Silveira. **Português instrumental**. 25ª. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2004.

*Pós-graduando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. orlandozevedo@ymail.com

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.